



Valorização de práticas agroecológicas em meio urbano por herdeiros de tradições rurais (pós êxodo rural)

Valorization of agroecological practices in urban areas by heirs of rural traditions (post rural exodus)

RESENDE, Jaqueline Barcelos¹; SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de ²; TAVARES, Patrícia Dias³

¹Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás – UEG – Campus Cora Coralina, jaquebr@gmail.com; ²Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás – UEG – Campus Cora Coralina, murilo.souza@ueg.br; ; ³Instituto Federal de Goiás – IFG – Campus Cidade de Goiás, padiastavares@gmail.com.

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Agriculturas Urbanas

Resumo: O presente artigo enumera as práticas camponesas que vieram para as cidades com os egressos do êxodo rural e se perpetuam por seus descendentes até os dias de hoje, como manutenção de hortas de diversos tamanhos, produção de artigos alimentares artesanais, criação de animais para consumo próprio, valorização do fogão a lenha e panelas de ferro, chácaras de lazer, vínculos afetivos da família expandida e também o neoruralismo. Traz ainda o questionamento dessas práticas como ferramenta de combate aos empecilhos políticos - ideológicos que a agroecologia enfrenta atualmente. Trabalho feito como avaliação da disciplina Agroecologia no Cerrado do PPGEU – UEG, que identifica e fomenta as mais diversas práticas agroecológicas do Cerrado.

Palavras-chave: agricultura urbana; camponesinato; agroecologia; patrimônio cultural; agricultura familiar.

Introdução

O trabalho trata de relacionar práticas urbanas e periurbanas com a agroecologia, elencando práticas camponesas que sobreviveram ao neocolonialismo da revolução verde e que são também práticas agroecológicas, ainda que seus atores não citem este fato.

Metodologia

Como metodologia foi feita uma revisão sobre a questão, com os termos 'agroecologia' e 'agricultura urbana' no site da biblioteca central da Universidade de Brasília, seguida da pesquisa nos anais recentes do Congresso Brasileiro de Agroecologia, em especial o XI CBA, procurando artigos que tratassem de agricultura urbana, êxodo rural e práticas agroecológicas urbanas, e ainda com a pesquisa no Google acadêmico sobre os mesmos termos. Somado aos conhecimentos partilhados nas aulas da disciplina do PPGEU-UEG percebe-se a



relação destas práticas aparentemente desconectadas. O artigo deseja trazer essa ligação de forma mais clara.

Resultados e Discussão

Êxodo rural e seus egressos

O êxodo rural é amplamente conhecido, se iniciou na revolução verde, com a mecanização e industrialização da agricultura advinda desta, basicamente se constitui na migração dos camponeses e suas famílias para as cidades, principalmente nas periferias de grandes cidades, em busca de empregos e melhores condições gerais de vida.

Seus herdeiros nasceram sob essa égide, tentando a todo custo progredir, de forma econômica e intelectual, falando da forma antiga de vida com saudosismo, mas sem remorso da escolha feita. Muito já se estudou sobre o tema, mas há um movimento reverso pouco difundido na mídia hegemônica, o neoruralismo, onde as pessoas nascidas e criadas em cidades maiores migram para os interiores em busca de maior qualidade de vida, resgatam a simplicidade da vida camponesa, sem prejuízos econômicos ou intelectuais, ao contrário, com lucro no viver saudável.

No meio desse caminho temos os filhos e netos de migrantes do êxodo rural que não desejam retornar ao interior, muito menos se manter na vida urbana massacrante. São criados pelos valores antigos, camponeses e assim mantêm a cultura camponesa de forma natural, praticamente um valor familiar.

O costume de manter hortas e produzir alimento é natural, suas formas de manejo são passadas por gerações, mas não se mantêm paradas no tempo, agregam tecnologias sempre que possível, as formas de preparo de artigos alimentares são passados pelas gerações, são receitas de família de como fazer pamonha, doces diversos, queijos, torrar e/ou moer café, manter galinhas para produção dos ovos caipiras ou acaipirados e frangos recém abatidos para almoços familiares nos seus quintais. Constroem assim que possível um fogão a lenha, que é usado esporadicamente, em ocasiões mais especiais, adquirem panelas de ferro pois são mais saudáveis.

A família não se limita a pais + filhos, mas se encontra ampliada no conceito da família expandida, que advém dos bisavós e avós e se torna imensa. Quando possível estes herdeiros adquirem ainda uma pequena parcela de solo, rapidamente transformada em chácara de lazer, onde toda a família expandida e amigos são bem vindos, e lá também se mantêm animais de criação, animais de estimação, horta e pomar, finalizando com uma piscina ou cachoeira próxima. Algumas têm ainda poços de criação de peixes, para comercialização mas também consumo próprio. É



uma miniaturização da roça, atualizada, modernizada. Estes filhos do êxodo rural estão nas cidades mas não deixaram o rural no esquecimento, o adaptaram para seu estilo de vida atual.

Mas e a agroecologia com isso?

Diversos autores que tentaram explicar o termo agroecologia convergem em um ponto: é praticamente impossível fechar este termo em um conceito rígido, sólido, imutável e prático. Se trata de uma metodologia, uma ciência agro, um movimento político-social, de filosofias de vida, desenvolvimento sustentável, agricultura familiar ou viver poesia? Buanain resume o termo em “campo de conhecimento que visa desenvolver as bases...de uma agricultura sustentável.” Mas reconhece o alargamento deste conceito além das bases técnicas científicas, compreende os sentimentos sociais envolvidos, de motivação política-ideológica, que tratam de mudanças na relação homem-terra, sendo inclusive um instrumento de transformação social.

Há muitos estudos sobre agricultura urbana e periurbana, quintais agrofloretais e hortas comunitárias, em toda a pluralidade da agroecologia, como os descritos Oliveira Jr, Pedroza *et al*, Santos *et al*, Freitas *et al* e Carvalho Neto *et al*. Porém os cidadãos não são descritos em suas ações particulares, que também desejam se reconectar à natureza, mesmo sem engajamento político-social, pois estão cansados da polarização e brigas políticas que permearam suas vidas nos últimos anos. Estes habitantes do asfalto são herdeiros de uma cultura camponesa tradicional, ainda que contaminada pelo recolonialismo da revolução verde, mas mantém saudosamente muitos elementos de outrora, desejando maior contato com a natureza, alimentos mais saudáveis e sempre desconfiam da indústria do agronegócio.

Assim fica mais fácil relacionar as atitudes e modo de vida dos herdeiros do êxodo rural, com a agroecologia, pois foram criados urbanizados mas não se esquecem nem renegam o estilo de vida camponês. Ao contrário, até o romantizam e modernizam, mesmo não o nomeando. Neste sentido podemos entender este movimento burguês (não se pode negar o adjetivo) como uma ferramenta a favor da agroecologia, pois mantém seus valores próximos, muito próximos aos valores camponeses, com o bem vindo conforto e qualidade de vida geral advindo da modernidade. Lembrando que não se pode negar tais confortos aos camponeses, seria cruel dizer que para ser camponês, agroecológico e contra o movimento agro hegemônico a pessoa deve viver no passado, sem acesso a tecnologias diversas, na profunda dificuldade, formigas lutando contra gigantes. O verdadeiro ponto da luta reside na escolha!

Todos nós somos agroecológicos, na medida das nossas possibilidades, seja no asfalto, seja na roça, ou no meio deste caminho.



Conclusões

Apesar das pessoas não falarem deste assunto abertamente, não haver mídias sociais tão fortes neste movimento e de ir contra os preceitos do agro pop, contra o agronegócio é possível perceber que as práticas camponesas tradicionais se perpetuam no tempo e espaço, tornando estes conhecimentos um patrimônio cultural. Lembrando que patrimônios culturais não necessitam ser reconhecidos pela sociedade, sua própria existência é o suficiente. Percebe-se também que não se pode excluir a cidade dessa equação, como diz o grafite da figura acima: a revolução agroecológica virá do campo + cidade.

Mais estudos são necessários para determinar como estas práticas são agroecológicas e bem como difundir este conhecimento tradicional, tão regional e plural quanto a própria agroecologia.

Agradecimentos

Agradeço imensamente aos professores Murilo e Ana Patrícia que me acolheram e tiveram muita paciência comigo e minha formação primária agrônômica convencional e hegemônica, bem como aos alunos da disciplina que receberam muitíssimo bem, me fazendo sentir parte deles, quase uma geogracinha. Agradeço ainda à minha irmã Janaína que muito me estimulou a entrar nessa disciplina e enxergar com outro olhar esta vasta temática.

Referências bibliográficas

BUAINAIN, Antônio M.; SOUZA FILHO, Hildo Meirelles. **Agricultura familiar, agroecologia e desenvolvimento sustentável: questões para debate**. Brasília : Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura, 2006. 135 p. (Série Desenvolvimento rural sustentável ; v. 5).

PETERSEN, Paulo (Org.). **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 2009. 168 p. ISBN 9788587116147.

OLIVEIRA Jr, Clovis José Fernandes. **Jardinagem e religião com a natureza: um processo de auto-cura**. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - **Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia**, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.

PEDROZA, Anderson Sampaio; OLIVEIRA, Kleber Andolfato de. Biodiversidade dos quintais agroflorestais de Cruzeiro do Sul, Acre. Cadernos de Agroecologia – ISSN



2236-7934 - **Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe** - v. 15, no 2, 2020.

SANTOS, Andrey dos; BOGNI, André; BRACAGIOLI, Alberto. Questão Agrária e Agroecologia em Regiões Metropolitanas: Complementaridades de Norte a Sul do Brasil. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - **Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe** - v. 15, no 2, 2020.

FREITAS, Virginia Lana Bernardino; ZULIANI, Daniela Queiroz; SILVA, Edeliude do Nascimento. Valorização da agricultura urbana e periurbana e a implantação de quintais agroecológicos para o desenvolvimento sustentável local. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - **Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe** - v. 15, no 2, 2020.

CARVALHO NETO, Moisés Felix de; GONÇALVES-GERVÁSIO, Rita de Cássia Rodrigues; FERREIRA, Gizelia Barbosa; FREITAS, Helder Ribeiro; MARINHO, Cristiane Moraes. Sustentabilidade de agroecossistemas comunitários periurbanos no Semiárido Nordeste, Brasil. Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - **Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe** - v. 15, no 2, 2020.